

Um estudo sobre as formas de encaminhamento, descrição e esclarecimentos do processo psicodiagnóstico para as crianças e adolescentes.

Eriane Armani Zingano Wainstein

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em Avaliação Psicológica sob orientação da Profa. Dra. Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, março de 2011.

Para Sandro, pelo amor, incentivo, apoio e encorajamento, sempre.
Arthur & Amanda pela compreensão das inúmeras horas que a mamãe esteve em aula.

Agradecimentos

Primeiramente a minha Orientadora Denise, por se entusiasmar com minhas idéias e torná-las possíveis.

À Graciela, pelo carinho e suporte ao longo de todo o curso.

Aos meus pais Erivan & Tereza, pelo amor incondicional.

RESUMO

O presente estudo qualitativo investigou o que profissionais de saúde e da educação entendem e esperam de um processo psicodiagnóstico para as crianças e adolescentes, assim como de que forma encaminham seus pacientes para esse tipo de avaliação. Participaram do estudo nove profissionais da área da saúde e educação, que responderam a uma entrevista semi-estruturada, composta de questões sobre dados profissionais, avaliação psicológica, forma de realizar encaminhamentos junto às famílias e expectativas frente ao psicodiagnóstico. Os resultados indicaram que muito frequentemente o conceito de Psicodiagnóstico é associado ao uso de algum instrumento psicológico, mais especificamente testes que avaliam as capacidades cognitivas, sendo este um diferencial deste tipo de avaliação. As formas de encaminhamento e esclarecimentos deste processo são realizadas pela fonte de encaminhamento junto às famílias, e na maioria dos casos é feita com a criança/adolescente também. Parece não haver um consenso a respeito da nomenclatura utilizada quando se encaminha para uma avaliação psicológica.

Palavras Chave: Psicodiagnóstico, Avaliação Psicológica, Encaminhamento.

ABSTRACT

This qualitative study examined the expectation and understanding of health and educational professionals about a psychodiagnosis process for children and adolescents, as well as in how they refer their patients to this type of assessment. Participated nine health and educational professionals who responded to semi-structured interview with questions about professional data, psychological assessment, way of family referral and expectative of a psychodiagnosis process. Results indicated that psychodiagnosis process is associated to the use of psychological instruments, specifically cognitive tests, which is a differential of this kind of evaluation. The referral ways and explanations of this process are performed with families, and in most cases are done with the child/adolescent as well. There do not seem to have any consensus for the nomenclature used for psychological assessment.

Key words: Psychodiagnosis, Psychological Assessment, Ways of Referral

SUMÁRIO

	Pág.
Resumo.....	4
Abstract.....	5
Capítulo I	
Introdução	6
Capítulo II	
Método	11
2.1 Participantes	11
2.2 Instrumentos	11
2.3 Delineamento e Procedimentos	11
Capítulo III	
Resultados e Discussão.....	12
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	21
Referências.....	23
Anexos	
Anexo A.....	25
Anexo B.....	26

INTRODUÇÃO

A utilização de testes, instrumentos e técnicas psicológicas encontra-se em plena expansão dentro da área de avaliação psicológica, representando um importante campo de conhecimento científico para a psicologia clínica em interface com outras áreas da saúde e da educação. O Psicodiagnóstico é uma forma de avaliação psicológica, de cunho clínico, que tem sido muito utilizada atualmente, apresentando um crescente em termos de encaminhamentos. Atualmente percebe-se um aumento de pesquisas relacionadas a este tema e um crescente na utilização desse tipo de avaliação (Reppold & Hutz, 2008).

O Psicodiagnóstico consiste em um processo limitado no tempo, que tem como objetivo identificar forças e fraquezas no funcionamento psicológico com vistas na existência ou não de uma psicopatologia (Cunha, 2000). O conceito de diagnóstico vem sendo utilizado atualmente com objetivo de conhecimento aprofundado de determinada realidade ou fenômeno, esse termo tem origem na palavra grega *diagnōstikós* que significa faculdade de conhecer, discernimento (Araújo, 2007). Este processo se desenvolve em torno de seis a oito sessões que se distribuem da seguinte forma:

- 1- Entrevista de anamnese com os pais ou responsáveis
- 2- Entrevistas com a criança
- 3- Entrevista de devolução dos resultados para os pais ou responsáveis
- 4- Entrevista de devolução dos resultados para fonte encaminhadora

Essa avaliação é conduzida por um psicólogo quando há utilização de testagem psicológica. Ela nos possibilita identificar e levantar hipóteses a respeito do funcionamento cognitivo, emocional e motor da criança bem como traçar planos e estratégias de intervenções caso necessário for. É possível, através desses exames, compreender quais fatores predominantes que estão interferindo nas dificuldades, possibilitando desta forma, orientar e nortear o trabalho dos profissionais que irão tratar a criança (Kaefer, 2006).

A prática do Psicodiagnóstico é uma das funções exclusivas do psicólogo, pois pressupõe a utilização de testes e técnicas exclusivas dessa categoria. Por esta razão,

esse processo é um dos diferenciais do trabalho do psicólogo em relação a outros profissionais (Lazzari & Schmidt, 2008). Sendo assim, esta é uma prática psicológica importante, e estudos recentes (Bandeira, Trentini, & Rovinski, 2006) têm mostrado que os achados advindos deste processo têm sido complementares a práticas médico-clínicas bem como decisões escolares e judiciais. Para Barbieri (2010), a *atividade psicodiagnóstica* trouxe para a Psicologia um novo *status* científico a uma maior identidade para o profissional da área, pois através da inserção de instrumentos que atendem as exigências de padronização, a utilização de testes psicológicos assume um caráter privativo do exercício do psicólogo.

O Processo Psicodiagnóstico tem como premissa básica a utilização de técnicas e testes como método de avaliação dos pacientes. Testes podem ser definidos como exames, mas seu sinônimo mais próximo é prova. Urbina (2007) refere que os testes psicológicos são comumente usados para avaliar pessoas em algum momento crítico ou circunstância significativa de vida. Cada tipo de teste possui atributos específicos que o psicólogo deve examinar no momento em que os insere ou os exclui de um processo avaliativo (Werlang & Fensterseifer, 2011).

Dentre os conceitos mais utilizados para definir Psicodiagnóstico, encontramos os estudos de Cunha e cols (2000) onde conceitua o Psicodiagnóstico como sendo um processo de avaliação psicológica que tem por objetivo entender o indivíduo na sua totalidade, visa identificar forças e fraquezas no funcionamento psicológico do indivíduo, detectando suas dificuldades e conflitos de personalidade, bem como defasagens funcionais de ordem neuromaturativa e/ou base biológica. Além disso, autores como Ocampo (1999) sistematizaram essa ideia definindo este processo como uma situação bipessoal (psicólogo-paciente ou psicólogo-grupo familiar) com duração limitada no tempo cujo objetivo é compreender a personalidade do paciente ou do grupo familiar, podendo enfatizar também a investigação de algum aspecto em particular visando abranger os aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognóstico) desta personalidade.

Para Kaefer (2006), o Processo Psicodiagnóstico se caracteriza pelo uso de instrumentos psicométricos e projetivos, que são os testes psicológicos e neuropsicológicos propriamente ditos, que se constituem em um exame complementar na clínica psicopedagógica, fonoaudiológica, psiquiátrica, neurológica e médica em

geral. Contudo, a autora salienta que esta avaliação constitui-se em um exame, e como tal, não apresenta valor por si só necessitando a correlação com os achados clínicos. A Avaliação Psicológica tem por objetivo descrever e classificar o comportamento dos outros, através das várias técnicas e métodos, com vistas a enquadrá-lo dentro de alguma tipologia, permitindo assim, que o indivíduo possa tirar conclusões sobre os outros, e assim saber como ele mesmo deve se comportar e agir em relação a esses outros (Pasquali, 2001).

Além do Psicodiagnóstico tradicional, existe outra modalidade desse processo que tem sido estudada nos últimos anos, o Psicodiagnóstico Interventivo ou Avaliação terapêutica. Essa forma de avaliação psicodiagnóstica tem como característica a realização de intervenções (interpretações, assinalamentos, holding) durante a aplicação de técnicas projetivas e entrevistas (Barbieri, 2010).

Dentro desse cenário, os diversos autores nominam esse tipo de avaliação de diferentes formas, por exemplo, psicodiagnóstico (Arzeno, 1995) atividade psicodiagnóstica (Barbieri, 2010), avaliação psicológica (Pasquali, 2001). Contudo, todos esses conceitos descrevem a mesma atividade, que é de avaliar o indivíduo da melhor forma possível lançando mão de técnicas e instrumentos psicológicos. Por isso, tais nomenclaturas foram usadas como sinônimo neste estudo.

O Processo Psicodiagnóstico vem sendo cada vez mais estudado ao longo dos últimos anos e conseqüentemente sofrendo interferências e modificações. Houve uma época, em que esse tipo de avaliação psicológica passou desacreditado por parte dos profissionais da área de saúde mental (Arzeno, 1995). Contudo, atualmente percebe-se um aumento de pesquisas relacionadas a este tema e um crescente na utilização desse método de avaliação. Reppold e Hutz (2008) constataram que 55,6% das avaliações realizadas em 211 prontuários de adolescentes de clínicas-escola, utilizaram testes psicológicos, em geral projetivos e gráficos. A pesquisa realizada por Souza (2005) a respeito dos encaminhamentos que são feitos para clínicas-escola em São Paulo, corrobora os achados dos autores acima, referindo que os testes psicológicos são os principais instrumentos de avaliação psicodiagnóstica utilizados e que os encaminhamentos são efetuados, na sua grande maioria, pelas escolas devido às queixas de aprendizagem e/ou problemas comportamentais.

Afonso (2005) refere que tanto as escolas como profissionais da área da saúde, encaminham para esse tipo de avaliação no sentido de orientação e compreensão do problema apresentado pelas crianças buscando compartilhar e sanar as angústias vividas com esse cliente e que antes essas solicitações eram dirigidas para um encaminhamento específico, por exemplo, uma escola de ensino especial, e nos últimos anos, o compromisso do psicólogo vem aumentando em função dos encaminhamentos estarem sendo dirigidos para esse tipo de avaliação.

Em uma pesquisa realizada em 2002 na clínica Psicológica UNIFMU pela mesma autora supracitada (2005), foi observado que das 34 crianças com idades entre dois a catorze anos encaminhados para um processo psicodiagnóstico, 21 delas tiveram como fonte encaminhadora a escola. E dentre os motivos para o encaminhamento, destacam-se questões relacionadas à conduta e problemas de aprendizagem. Esses achados são compatíveis com a pesquisa realizada por Campezzatto & Nunes (2007) na região metropolitana de Porto Alegre, onde as autoras ressaltam que a busca por atendimento em clínicas-escola são, na maioria, realizadas por escolas devido a dificuldades de aprendizagem ou comportamento (crianças do sexo masculino) e que mulheres jovens buscam atendimento espontaneamente devido a conflitos referentes às questões afetivas.

Além disso, existe a expectativa que reside atrás da fonte encaminhadora, ou seja, o que espera aquele que encaminha para um processo psicodiagnóstico? Partindo do pressuposto, que as escolas são as fontes de maior encaminhamento para esse tipo de avaliação, Santos (2009) constatou que os professores possuem alta expectativa que o psicólogo, através de sua avaliação, possa descobrir no aluno as causas de suas próprias dificuldades e desconsideram as relações produzidas na e pela escola na constituição dessas dificuldades. Ou seja, o psicólogo fica como responsável de desvendar a problemática e conseqüentemente dar uma solução para a mesma.

Levar um filho para uma avaliação psicológica é uma decisão séria e às vezes muito difícil para os pais. Essa ação engloba inúmeros sentimentos e fantasias que podem interferir nessa busca. Um estudo realizado por Noal (2009) analisou a implicação que uma avaliação psicológica tem nos pais cujos filhos foram encaminhados. Os achados dessa pesquisa revelam que os pais demonstraram sentimentos ambivalentes em relação ao encaminhamento do filho mesmo que possam

identificar a necessidade de um auxílio profissional. Além disso, a autora destaca que nenhum dos pais buscou auxílio espontaneamente e que apesar dos sentimentos ambivalentes, o encaminhamento foi fundamental para que os pais tenham buscado a avaliação psicológica. Considerando isso, entende-se que o trabalho do encaminhamento é um dos mais importantes, pois auxilia e assegura os pais da decisão que estão tomando.

Sendo assim, o presente estudo objetiva analisar o conhecimento do psicodiagnóstico sob o olhar das fontes encaminhadoras, observar como são realizados os encaminhamentos, que explicações são dadas, que nomenclatura é utilizada, assim como de que forma explicam, fundamentam e motivam as famílias e crianças para se engajarem nesse processo. Dessa forma, busca-se entender como se dá o processo anterior à chegada ao consultório psicológico.

Método

Objetivo do Estudo

Investigar o que profissionais da saúde e da educação entendem, como percebem e de que forma encaminham crianças e adolescentes para um Psicodiagnóstico.

Participantes

Nove profissionais da área da saúde e da educação foram entrevistados: duas neuropediatras, duas psicopedagogas, duas orientadoras educacionais, um psiquiatra infantil, uma psicóloga infantil e uma fonoaudióloga. Todos tinham no mínimo dez anos de experiência ficando a média em 25,2 anos de experiência. A maior parte atua na área clínica e/ou instituições escolares

Instrumentos

O instrumento do presente estudo foi uma entrevista semiestruturada formada por sete questões criadas a partir da revisão da literatura do tema e da experiência das pesquisadoras. Além dos dados de formação, buscou-se investigar alguns aspectos sobre o conhecimento dos profissionais com relação à prática dos encaminhamentos para o processo psicodiagnóstico (Anexo I). Aos participantes era solicitado que respondessem as questões baseados na sua experiência clínica. Havia espaço no instrumento para sugestões bem como outras perguntas que porventura não tivessem sido abrangidas na entrevista.

Procedimento

Os participantes receberam o convite para participar do estudo pessoalmente ou por telefone. Os que aceitaram participar do estudo receberam, de antemão, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE- Anexo II) e as questões da entrevista semiestruturada. Após, foram agendadas entrevistas com os participantes e as mesmas foram gravadas em áudio, para que houvesse um registro para posterior análise. Todos os participantes permitiram a gravação. A coleta dos dados foi realizada por uma das pesquisadoras, no ambiente de trabalho de cada profissional com hora previamente agendada.

Resultados e Discussão

Primeiramente, foi realizada uma análise quantitativa (levantamento de frequências) com que os termos e conceitos de interesse. A seguir, foi realizada uma análise qualitativa das respostas buscando averiguar de que forma são realizados os encaminhamentos para um psicodiagnóstico, como o mesmo é explicado para pais e crianças, expectativas que os profissionais criam em relação a este tipo de avaliação e os benefícios trazidos pela mesma.

A partir da análise das entrevistas realizadas, emergiram cinco categorias. Algumas se restringiram a uma ou outra questão e outros surgiram de forma independente ao longo da entrevista. Essas foram divididas da seguinte forma:

- 1- Nomenclatura utilizada para definir psicodiagnóstico
- 2- Quando se encaminha para um psicodiagnóstico
- 3- Formas de encaminhamento para o psicodiagnóstico - Pais
- 4- Formas de encaminhamento para o psicodiagnóstico – crianças e adolescentes
- 5- Expectativas levantadas quando se encaminha para um psicodiagnóstico

Os participantes serão identificados por área de trabalho conforme descrição abaixo:

Fonoaudióloga – **Fono**

Psicóloga – **Psico**

Psiquiatra – **Psiqui**

Psicopedagoga – **Pgoga**

Neurologista – **Neuro**

Orientadora educacional - **OE**

1- Nomenclatura Utilizada para definir psicodiagnóstico

Nessa categoria o objetivo foi de investigar de que forma os profissionais definem a atividade realizada por um psicólogo no momento em que encaminham para

uma avaliação nessa área. De acordo com a análise realizada, surgiram quatro nomenclaturas que estão associadas à prática da avaliação psicológica. São elas: Avaliação psicológica, Avaliação emocional, Avaliação psicodiagnóstica e Psicodiagnóstico. Sendo que o termo Avaliação Psicodiagnóstica foi o mais citados entre os participantes (quatro participantes), seguido de avaliação psicológica (dois participantes), Psicodiagnóstico (dois) e avaliação emocional (um). Essas diferenças são encontradas também na literatura, onde existe certa heterogeneidade entre os teóricos. Cunha (2000) conceitua psicodiagnóstico como sendo um processo de avaliação psicológica que tem por objetivo entender o indivíduo em sua totalidade. Arzeno (1995) também utiliza o mesmo conceito, psicodiagnóstico para descrever essa prática de avaliação do psicólogo. Também encontramos na literatura termos como: atividade psicodiagnóstica (Barbieri, 2010), avaliação psicológica (Pasqualli, 2001). Contudo, todos esses conceitos descrevem a mesma atividade que é a de avaliar o indivíduo da melhor forma possível, utilizando técnicas e instrumentos psicológicos, servindo de sinônimo para definir a prática do psicólogo na área da avaliação psicológica.

Ainda dentro deste contexto, surge um dado importante no que se refere a esta nomenclatura. De acordo com os entrevistados, a utilização dos termos psicodiagnóstico ou avaliação psicodiagnóstica se dá quando se pressupõe o uso de instrumentos psicológicos (especificamente testes). Dentre os nove entrevistados, seis referem que diferenciam psicodiagnóstico de avaliação psicológica em razão daquele incluir o uso de testes. Por exemplo, um dos entrevistados refere: **OE1**: “... *eu sempre faço essa distinção, e coloco em relação à testagem, a testes...*”. Outro entrevistado refere: **Psico**: “*O grande diferencial, na prática, entre avaliação psicológica e psicodiagnóstico é a utilização de material de testes, testagem né?*” No entanto, encontramos nas entrevistas três participantes que não fazem essa distinção, entendendo psicodiagnóstico e Avaliação psicológica como sendo a mesma prática: **Pgoga1**: “*Eu não faço essa distinção! Eu peço uma avaliação Psicológica*” e **Neuro 2**: “*eu não concordo com essa distinção. Quando solicito uma avaliação eu explico que quero uma avaliação psicológica completa, ou seja, da parte cognitiva e da parte da personalidade*”

A partir desses dados é interessante observar que o processo psicodiagnóstico, de acordo com esta pesquisa, parece estar mais relacionado com o uso dos testes,

corroborando a idéia de Kaefer (2006) que refere que o psicodiagnóstico é conduzido por um psicólogo quando há utilização de testagem. Bem como a idéia de outros autores (Lazzari & Schmidt,2008) que associam a prática do psicodiagnóstico como uma das funções exclusivas do psicólogo pois pressupõe a utilização de testes e técnicas particulares dessa categoria.

No entanto, Urbina (2007) coloca que os testes são como ferramentas, ou seja, *“eles são um meio para alcançar um fim, e nunca um fim em si mesmos”* (p.14). Destacando que os testes podem estar presentes em uma avaliação mas não são a única forma de poder realizá-la. Contudo, na prática profissional de um psicólogo que trabalha com psicodiagnóstico, na maioria das vezes faz uso de testagem. O interessante é observar que fora da área da psicologia há uma distorção do conceito, na medida em que se acredita que, se a avaliação incluir aspectos cognitivos, é definida como avaliação psicológica completa ou psicodiagnóstico. Quando a avaliação for somente de aspectos emocionais, o nome utilizado é avaliação emocional.

2- Quando se encaminha para um Psicodiagnóstico

Além da questão da utilização de instrumentos psicológicos, mais especificamente testes neste caso, outro ponto que se destaca nas entrevistas, é a avaliação das habilidades cognitivas como um diferencial do psicodiagnóstico em relação à avaliação psicológica. Quando foi questionado aos participantes em que situações eles preferem encaminhar para um psicodiagnóstico, sete deles referem momentos em que necessitam de uma avaliação da capacidade intelectual do paciente, como pode-se observar em alguns trechos a seguir: **Pgoga 1:** *“Para ver as duas áreas, como está a inteligência e como ele está se sentindo”*, **Neuro 2:** *“Quando solicitamos um psicodiagnóstico estamos interessados em ver a parte cognitiva”* **Neuro 1:** *“O psicodiagnóstico permite fazer um diagnóstico diferencial se existe ou não um déficit cognitivo”*.

Esses achados corroboram a ideia de Cunha (2000), no momento em que a autora entende que o Psicodiagnóstico pretende entender o sujeito na sua totalidade, visando detectar dificuldades e conflitos emocionais bem como defasagens funcionais de ordem neuromaturativa e ou/base biológica. É interessante observar que novamente essa ideia se encontra dentre os entrevistados que não pertencem à área da Psicologia. Os dois entrevistados que não associaram a prática do psicodiagnóstico à avaliação dos

aspectos cognitivos, são das áreas da Psiquiatria e Psicologia. Há autores (Leite, 2011, por exemplo) que referem que o psicodiagnóstico é uma forma de avaliação psicológica global do indivíduo que visa realizar uma medida psicológica – confirmando assim os achados supracitados.

No entanto, dentre os autores pesquisados, a maioria deles converge no sentido de apontar o psicodiagnóstico como sendo uma forma exclusiva do psicólogo de avaliar o sujeito da melhor forma possível (OCampo, 1999; Arzeno,1995; Pasqualli,2001) através de técnicas e testes, mas não chegam a inferir que a avaliação da parte cognitiva seria um diferencial dessa modalidade de avaliação. Esse dado parece ser importante na medida em fora da área da Psicologia o processo psicodiagnóstico tem sido visto como uma avaliação completa que parece necessariamente incluir a avaliação das habilidades intelectuais.

Cabe esclarecer aqui, que a utilização de testes e técnicas pode fazer parte de um Psicodiagnóstico sendo os testes psicológicos ferramentas (Urbina, 2007) de trabalho do psicólogo.

Continuando ainda nessa categoria, surge outra questão pertinente em relação ao encaminhamento: o formato deste tipo de avaliação. Além da questão cognitiva, um documento escrito e objetivo parece ser outro diferencial quando um profissional decide encaminhar para uma avaliação desse tipo. **Pgoga 1:** *“Os pais aceitam mais facilmente quando vêem dados objetivos”* **Pgoga2:** *“Os pais precisam muito do concreto”* e **Psiqu:** *“As vezes quando preciso fornecer aos pais algo mais concreto, por escrito e mais objetivo”*

É interessante observar a importância que assume um material impresso para a comunicação dos resultados da avaliação. Urbina (2007) afirma que o meio mais tradicional de comunicar os resultados encontrados em testes é o laudo por escrito. Porém, alguns autores enfatizam que além da elaboração dos informes psicológicos a devolução das informações deve ser realizada através de uma comunicação verbal discriminada e dosificada (OCampo, 1999).

3 – Formas de encaminhamento para o psicodiagnóstico – Pais

Um dos principais objetivos dessa pesquisa foi o de avaliar como os profissionais da área da saúde e educação costumam realizar o encaminhamento junto aos pais das crianças e adolescentes. Sabe-se que a forma como se encaminha um

paciente para uma avaliação, seja ela qual for, é determinante nessa busca. Um encaminhamento bem fundamentado e coerente garante o engajamento dos pais nesse processo. Sendo assim, foi perguntada aos participantes desse estudo a seguinte questão: Como tu explicas a necessidade de realizar um psicodiagnóstico para os pais?

É interessante observar que a utilização de imagens, sejam elas gráficas ou mentais, são um dos recursos mais utilizados dentre os profissionais entrevistados. Sete dos entrevistados relataram ser importante apresentar algo “mais concreto” para poder embasar seu encaminhamento. **Neuro 1:** “Normalmente eu faço um desenho para os pais... eles conseguem visualizar melhor o que é!”. **Pgoga 1:** “Uso muito a imagem do elefante e três cegos” **OE 1:** “Digo que o psicodiagnóstico vai dar um mapeamento de como seu filho está hoje” **OE 2:** “Eu costumo usar uma imagem de que o psicodiagnóstico vai ser como uma fotografia de outro jeito”

Aparece também a comparação com o modelo médico como forma de criar uma analogia para que os pais possam entender melhor. **Psico:** “uso uma expressão mais médica, que o psicodiagnóstico é como se fosse um raio X, porque as pessoas estão mais acostumadas com o modelo médico” **Psiq:** “Faço comparação com o modelo médico, porque acho mais fácil deles entenderem”.

Apenas três dos nove participantes não mencionaram a utilização de algum recurso no momento em que realizam o encaminhamento. Esses dados apontam que a inserção de algum modelo comparativo ou figurativo facilita o processo de encaminhamento para os pais, na medida em que os mesmos conseguem vislumbrar o objetivo do processo psicodiagnóstico. Associa-se a esta questão a importância da pessoa que realiza esse encaminhamento e da forma como o faz corroborando com os achados de Noal (2009), que revela ser o encaminhamento fundamental na busca de uma avaliação psicológica pelos pais.

4 – Formas de encaminhamento para o psicodiagnóstico – Crianças e adolescentes

Nessa categoria surge uma divisão importante entre as áreas da saúde e educação. Os entrevistados da área da educação não costumam trabalhar a criança para um encaminhamento de avaliação psicológica deixando a responsabilidade deste encaminhamento para os pais do aluno como mostram os exemplos a seguir: **OE 1:** “Não explico pois trabalho com faixa-etária de 6 a 10 anos” **OE 2:** “Normalmente não

explico para criança, deixo a família fazer essa ponte". Esse dado tornar-se importante, pois nesses casos o encaminhamento que é feito para os pais deve ser muito claro e conciso na medida em que serão eles (Pais) que irão trabalhar o encaminhamento dos próprios filhos.

Já entre os entrevistados da área da saúde (sete), apenas um refere não explicar para criança o encaminhamento, apenas para o adolescente. Todos os outros participantes convergem no sentido de explicar o encaminhamento para a criança. Entretanto, três dos sete participantes pensam não ser importante conceder muitas explicações: **Psico**: *"Vai ver uma pessoa que vai me ajudar a ajudar ela... mas não explico muito"* sendo que um deles refere nunca mencionar a parte psicológica como podemos observar nesta transcrição: **Pgoga 1**: *"Explico mais para o adolescente... para criança digo que vai numa amiga para ver algumas áreas da inteligência... mas nunca falo da parte emocional"*

A questão da faixa etária parece ser um ponto relevante, na medida em que se observa que se tratando de crianças pequenas existe uma maior dificuldade em poder esclarecer qual será o trabalho que a mesma irá realizar em um processo psicodiagnóstico. Um dos entrevistados revela se utilizar de avaliações anteriores como forma da criança poder visualizar melhor o que os resultados do que irá produzir com esse tipo de avaliação: **Fono**: *"Eu pego uma avaliação e mostro para ela o gráfico, explico cada área e digo que vou mandar para uma amiga minha que trabalha com isso"* Parece que essa dificuldade se associa a falta de recursos disponíveis para essa faixa etária que possam auxiliar o profissional nessa tarefa frente ao enquadre de um psicodiagnóstico. Encontramos material que explica a ida da criança para um processo psicoterápico (Nemiroff, 1995). Este autor refere que quando uma criança é encaminhada para um tratamento psicológico geralmente surgem muitas questões sobre o que irão fazer naquele espaço junto com o psicólogo. Tentando responder essas questões sob o ponto de vista do pequeno paciente o autor elaborou um livro chamado: *O Primeiro Livro da Criança Sobre Psicoterapia*, com o intuito de esclarecer aos futuros pacientes como é um enquadre psicológico, o papel do psicólogo e os motivos pelos quais se consulta um psicólogo.

Por outro lado, encontrou-se em duas entrevistas esclarecimentos mais voltados para a criança como podemos observar a seguir: **Psic**: *"Eu digo que é uma colega*

especializada nessa área que pode nos trazer mais dados para conhecer um pouco mais sobre o funcionamento dela, das competências e de áreas que não está tendo um bom desempenho para que possa melhorar”. Neuro 2: “Digo para criança: agora tu vai fazer uma avaliação com outra pessoa para que possamos te entender um pouco melhor, é um exame diferente, vocês vão conversar desenhar, essas coisas”.

O fato dos profissionais selecionados para essa pesquisa possuírem especialização na área de infância e adolescência não garante a preparação dos mesmos para realizar um bom encaminhamento junto com as crianças. De acordo com a análise dos dados, parece que os adolescentes merecem maiores esclarecimentos em razão da sua capacidade maior de entendimento e abstração. No entanto, embora não haja muitos estudos publicados sobre assunto, sabe-se que a preparação da criança que irá se submeter a um processo de avaliação psicológica fará com que se apresente de forma mais segura no momento em que chegar ao consultório do psicólogo. Essa preparação pode ocorrer de diferentes formas, entre elas através de um conto, ou uma história que remeta ao assunto. Corso (2006) comenta que as histórias são como exemplos, metáforas e auxiliam a criança a ver e pensar a realidade de diferentes formas. *“Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária”* (Corso, 2006, p.303)

5 – Expectativas levantadas quando se encaminha para um psicodiagnóstico

Por último, foi área de interesse saber quais as expectativas das fontes encaminhadoras quando decidem solicitar um psicodiagnóstico. Tratando-se de um exame que apresenta dados concretos (muitas vezes resultados de testes, pareceres, observações por escrito), suscita muitas expectativas. Existe uma expectativa, em especial, de poder auxiliar não só a criança, mas especialmente a fonte que encaminhou a poder entender melhor o aluno/paciente e assim conseguir traçar a melhor forma de intervenção para aquele caso. **Neuro 1:** *“a expectativa é que o psicodiagnóstico possa me ajudar a realizar diagnósticos diferenciais” OE 1:* *“expectativa de poder organizar um trabalho pedagógico melhor” Psi:* *“espero que a pessoa consiga avaliar exatamente aquilo que estou em dúvida”.*

Observa-se também que realizar um encaminhamento para o psicodiagnóstico gera uma expectativa de poder realizar trocas com esse profissional e conseqüentemente organizar melhor seu trabalho. Dois dos entrevistados trazem essa questão: **OE 2:** “*tenho expectativa de poder ter uma troca depois da avaliação e poder organizar um trabalho melhor*” **Pgoga 2:** “*eu espero poder trabalhar junto, receber uma boa instrução sobre encaminhamentos e atendimentos*”. Isso demonstra que a expectativa sobre o psicólogo é que ele possa ajudar a entender o paciente e ajudar também o profissional a organizar melhor seu atendimento, corroborando assim os achados realizados por Afonso (2005). A autora afirma que tanto as escolas como profissionais da área da saúde encaminham para esse tipo de avaliação no sentido de orientação e compreensão do problema apresentado pelas crianças buscando compartilhar e sanar as angústias vividas com esse cliente. Diz, ainda, que nos últimos anos o compromisso do psicólogo vem aumentando em função dos encaminhamentos estarem sendo dirigidos para esse tipo de avaliação.

Considerações finais

Sabe-se que a utilização de testes psicológicos dentro de avaliações psicológicas sempre teve um papel de destaque. Após um período em que os testes foram usados deliberadamente, o Conselho Federal de Psicologia passou a investir em um conjunto de políticas que pudessem transformar e reorganizar a utilização desses instrumentos. Em 2003, foi criado o SATEPSI (Sistema de Avaliação Psicológica) com objetivo de qualificar os testes utilizados pelo Psicólogo. Dentro desse contexto, observa-se a importante preocupação do sistema de conselhos em esclarecer a sociedade sobre o significado da avaliação psicológica (Santos, 2011). E esse parece ser um ponto importante que foi observado nesse estudo. Quando se fala em Avaliação Psicológica, a pesquisa mostrou a falta de uma definição exata do conceito entre os profissionais da área da saúde e até mesmo entre os profissionais da Psicologia. Parece não haver um consenso a respeito da nomenclatura utilizada quando se encaminha para uma avaliação desse tipo. Em uma breve revisão na literatura a respeito do tema, encontramos diferentes formas de conceituar e definir avaliação psicológica. Psicodiagnóstico (Arzeno,1995); Atividade Psicodiagnóstica (Barbieri, 2010), Avaliação Psicológica (Pasqualli,2001), em nosso estudo essas diferenças também foram encontradas nas entrevistas com os profissionais da área da saúde e educação.

Pode-se pensar que uma limitação deste estudo está no fato de terem sido investigados apenas profissionais do Rio Grande do Sul, podendo haver uma opinião divergente em outros estados. Para amenizar essa limitação, fez-se uma consulta a uma rede de discussão por internet na área de avaliação psicológica (avalpsi) e ficou claro que o psicodiagnóstico é um processo através do qual se chega a um diagnóstico psicológico, utilizando-se técnicas e/ou testes psicológicos, dependendo sempre do caso em questão. Além disso, quem trabalha com psicodiagnóstico utiliza, em geral, diversos testes e técnicas psicológicas para avaliar os diversos aspectos necessários no caso: cognitivos, emocionais, de personalidade, etc.

Em razão dos testes psicológicos serem de uso exclusivo dessa categoria, o papel do psicólogo que realiza o psicodiagnóstico frente à comunidade educacional e de saúde em geral assume um papel importante e diferencial, na medida em que auxilia outros profissionais no entendimento do se paciente/aluno de uma forma mais global. A partir dos dados encontrados em um processo psicodiagnóstico é possível criar melhores

estratégias de intervenção e planejamento bem como estabelecer um trabalho multidisciplinar possibilitando diferentes olhares sob o mesmo indivíduo.

A partir deste estudo, fica clara a necessidade de que o psicólogo faça o seu papel no esclarecimento da população em geral no que diz respeito a sua atuação. A definição clara e objetiva de psicodiagnóstico deve ser repassada, em especial, aos profissionais que costumam encaminhar seus pacientes. É possível que, a partir disso, o conhecimento vá se disseminando entre a população em geral. Uma possibilidade de divulgação na comunidade seria a criação de folhetos ou livretos que possam explicar o Processo Psicodiagnóstico para crianças/adolescentes e suas famílias, bem como auxiliar as fontes encaminhadoras no momento em que necessitam realizar um encaminhamento para uma avaliação desta ordem.

Referências

- Affonso, R. L. (2005). A importância da epistemologia no ensino da avaliação psicológica no processo psicodiagnóstico. *Avaliação Psicológica*, 4(2), 183-193.
- Araujo, M (2007). Estratégias de diagnóstico e avaliação psicológica. *Psicologia Teoria e Prática*, 9 (2), 126-141.
- Arzeno, M (1995). *Psicodiagnóstico Clínico: Novas Contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barbieri, V (2010). Psicodiagnóstico Tradicional e Interventivo: Confronto de Paradigmas? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (3), 505-513.
- Bardin, L (1979). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: edições 70/ Livraria Martins Fontes. (Original publicado em 1977).
- Campezzatto, P. V. M., & Nunes, M. L. T (2007). Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (3), 376-388.
- Corso, D. L. (2006). *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J (2000). *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Lazzari, J. M. W., & Schmidt, E. B. (2008). Percepção dos Pais em relação a mudanças após o processo psicodiagnóstico. *Avaliação Psicológica*, 7 (2), 211-221.
- Leite, O. A. (2011). A medida no exame psicológico: reflexões sobre o significado clínico da medida. In Conselho Federal de Psicologia. *Ano da Avaliação Psicológica*, Brasília, DF: CFP.
- Nemiroff, M. C (1995). *O Primeiro Livro da criança sobre Psicoterapia*. Porto Alegre: ArtMed.
- Noal, L (2009). *Com a palavra os pais: uma análise sobre o encaminhamento psicológico do filho*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Orientador Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso.

- Noronha, A. P. Santos, A. A., Sisto, F.F. & cols (2006). *Facetas do fazer em avaliação psicológica*. São Paulo: Vetor.
- OCampo, M. L. Arzeno, M. G., & Piccolo, E. G. (1999). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Pasquali, L. (2001). *Técnicas de Exame Psicológico – TEP. Vol. I: Fundamentos das Técnicas de exame Psicológico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S (2008). Investigação psicodiagnóstica de adolescentes: encaminhamentos, queixas e instrumentos utilizados em clínicas-escolas. *Avaliação Psicológica*, 7 (1), 85-91.
- Rotta, N. e cols (2006). *Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Santos, E. M. B. (2009). *As queixas escolares na visão dos professores*. Monografia para obtenção do grau em especialista em magistério do ensino superior. PUC/COGEAU.
- Santos, A. A. A (2011). O possível e necessário no processo de avaliação psicológica. In Conselho Federal de Psicologia. *Ano da Avaliação Psicológica*, Brasília, DF: CFP.
- Souza, M. P. R (2005). Prontuários revelando os bastidores dos atendimentos psicológico à queixa escolar. *Estilos Clínicos*, 10 (18), 82-107.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Werlang, B. S. G. Villemor-Amaral, A. E. (2011). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Anexo A

Ficha de Entrevista

Nome _____ Idade _____

Formação _____ Tempo de formação _____

Lugar de formação _____

Área de atuação _____

Local de trabalho _____

Entrevista semi estruturada

- 1) Quando tu encaminhas para um psicólogo, que nome dás para essa atividade do psicólogo?
- 2) O que tu entendes por Psicodiagnóstico? E por Avaliação Psicológica?
- 3) Quando tu costumavas encaminhar para um Psicodiagnóstico?
- 4) Como tu explicas a necessidade de fazer um Psicodiagnóstico para os pais?
- 5) Como tu explicas o encaminhamento para a criança ou adolescente?
- 6) Que expectativas tens do psicólogo quando encaminhas para um psicodiagnóstico?
- 7) Em tua experiência que benefícios te trouxeram os dados apresentados por esse tipo de avaliação?

Anexo B

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informada (a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca conhecer as formas como os profissionais da saúde e educação costumam encaminhar para um processo psicodiagnóstico. A participação consistirá em um encontro com cada profissional para realização da entrevista.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a minha pessoa. A entrevista ocorrerá em dia e horário que melhor convenha ao participante. Os nomes das pessoas que participarem desse estudo serão guardados em segredo, e os dados obtidos através das entrevistas não serão divulgados. Tais dados serão utilizados apenas para atividades científicas. Após a conclusão da pesquisa, o participante terá direito a uma entrevista de devolução, com os principais resultados encontrados através dos instrumentos aplicados.

Concordo em participar do presente estudo e autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização dos dados obtidos através deste estudo. Entendo que se manterá em sigilo minha identidade, e que os dados coletados serão arquivados e destruídos depois de decorrido o prazo de cinco anos.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são Professora Doutora Denise Ruschel Bandeira e a especializanda Eriane Zingano Wainstein, as quais poderão ser contatadas pelo fone (51) 9103 5097 ou pelo email earmani@terra.com.br

Data: ____/____/____

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura da especializanda responsável: _____